

Violência linguístico-discursiva no *Twitter*: a emergência de metapragmáticas anticientíficas no contexto de covid-19

Linguistic-discursive violence on Twitter: the emergence of anti-scientific metapragmatics in the context of covid-19

Rodrigo Albuquerque¹
Rejane Junqueira²

Resumo: Almejamos, neste estudo, avaliar como um/a influenciador/a digital (ID) e seus/suas seguidores/as no *Twitter* gerenciam estratégias de impolidez que promovem metapragmáticas de violência linguístico-discursiva, considerando suas inscrições político-ideológicas. No âmbito teórico, concebemos, à luz da interface da Sociolinguística Interacional e da Pragmática, que a (im)polidez – instanciada em domínios linguísticos, discursivos e sociointeracionais – se relaciona com as metapragmáticas emergentes das interações mediadas on-line. No âmbito metodológico, inscrevemos este estudo na (N)etnografia, como método, vinculada a uma episteme qualitativa, a fim de que possamos analisar uma interação mediada on-line no *Twitter*. No âmbito analítico, constatamos que distintas estratégias de impolidez positiva e negativa instauraram um cenário de violência linguístico-discursiva que regimentou metapragmáticas intolerantes, falaciosas e anticientíficas. Assumimos, por fim, que combater *fake news* significa evitar a propagação de tais metapragmáticas, com vistas a minimizar cenários de violência.

Palavras-chave: violência linguístico-discursiva; (im)polidez; metapragmáticas; interação mediada on-line; discursos intolerantes, falaciosos e anticientíficos.

Abstract: In this study, we aim to evaluate how a digital influencer (DI) and his/her followers on Twitter manage impoliteness strategies that promote metapragmatics of linguistic-discursive violence, considering their political-ideological inscriptions. In the theoretical scope, we conceive that (im)politeness – instantiated in linguistic, discursive and sociointeractional domains – is related to the emerging metapragmatics of online mediated interactions, in the light of the Interactional Sociolinguistics and Pragmatics interface. In the methodological scope, we inscribed this study in (N)ethnography, as a method, linked to a qualitative episteme, so that we can analyze an online mediated interaction on Twitter. In the analytical scope, we found that different positive and negative impoliteness strategies established a scenario of linguistic-discursive violence that regimented intolerant, fallacious and anti-scientific metapragmatics. Finally, we assume that combating fake news means preventing the spread of such metapragmatics, with a view to minimizing scenarios of violence.

Keywords: linguistic-discursive violence; (im)politeness; Metapragmatics; online mediated interaction; intolerant, fallacious and anti-scientific discourses.

¹ Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, DF, Brasil. Endereço eletrônico: rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com.

² Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília, DF, Brasil. Endereço eletrônico: rejanesej@hotmail.com.

Considerações Iniciais

Durante o período de isolamento social, em consequência da pandemia de covid-19, as redes sociais digitais se tornaram o principal meio de divulgação de informações. Por pressupormos que “... a Internet carrega em seu código traços eminentemente bélicos” (Capi, 2017, p. 171), assumimos que as interações, por vezes, instauram nesse contexto uma guerra virtual que corrompe esclarecimentos relevantes ao enfrentamento da pandemia. Tais disputas advêm de desalinhamentos interacionais que decorrem não somente da dissintonia quanto às mensagens transmitidas em dada interação, mas, principalmente, das distintas manifestações oriundas de posicionamentos político-ideológicos divergentes e polarizados.

Concebemos que o *Twitter* inscreve os/as internautas em uma interação mediada on-line (Thompson, 2018), cujos atributos – tempo e espaço estendidos, reduzido leque de pistas simbólicas, caráter dialógico, e interação de muitos/as para muitos/as (Thompson, 2018) – conferem maior poder aos/às usuários/as para espalhar mensagens e mobilizar agentes (Recuero; Zago, 2010); propiciam desenvolver, compartilhar e modificar as relações em uma infinidade de conexões (Seara, 2021); e colaboram com a construção de cenários de violência linguístico-discursiva (Albuquerque; Sousa, 2022). Nesses cenários, podemos encontrar discursos agressivos de desqualificação do/a outro/a (Cabral, 2019); altos níveis de *flaming*³, que, geralmente, envolvem contextos políticos, religiosos e sociais (Kayany, 1998); e perpetuação de discursos de ódio, devido à permanência, à itinerância e ao anonimato (Gagliardone *et al.*, 2015).

Em suma, a emergência dessas disputas se dá tanto pela acirrada divergência político-ideológica dos/as internautas quanto pelos atributos desse tipo de interação (mediada on-line), justificando a propositura de uma investigação que, sob o enquadre teórico da Sociolinguística Interacional e da Pragmática, preveja uma discussão pautada nos estudos da (im)polidez nos níveis linguístico (Lakoff, 1973; Leech, 1983; Brown; Levinson, 1987; Culpeper, 1996), discursivo (Eelen, 2001; Mills, 2003; Watts, 2009) e sociointeracional (Haugh, 2007b; Grainger, 2011; Culpeper, 2011; Kádár; Haugh, 2013; Haugh; Culpeper, 2018; Blitvich; Sifianou, 2019; Blitvich, 2021), em sintonia com a noção de metapragmáticas (Silverstein, 1979, 1993, 2003; Signorini, 2008; Pinto, 2019).

³ O *flaming* (ou *flames*) é concebido como a manifestação de hostilidade dirigida a alguém diante da dissintonia de ideias e opiniões (Kayany, 1998). Comumente, tal fenômeno – como resultado direto do funcionamento de mídias digitais – surge de um *eu* anônimo e passional regido por seus impulsos (Balocco, 2016), desencadeando linguagem agressiva e polarizada (Amossy, 2011).

Sob o enquadre metodológico da (N)etnografia (Kozinets, 1997, 2014), vinculada a uma episteme qualitativa (Goldenberg, 2001; Mason, 2002; Chizzotti, 2003; Minayo, 2017), almejamos avaliar como um/a influenciador/a digital (ID) e seus/suas seguidores/as no *Twitter* gerenciam estratégias de impolidez que promovem metapragmáticas de violência linguístico-discursiva, considerando suas inscrições político-ideológicas. Para tanto, dispomos, nas seções seguintes, (i) do debate relativo à (im)polidez e às metapragmáticas nas interações no *Twitter*; (ii) da inscrição epistêmica e da narração do percurso metodológico; e (iii) da análise da interação entre Atila Iamarino (o ID selecionado) e seus/suas seguidores/as.

Disputas interacionais no *Twitter*: metapragmáticas de violência linguístico-discursiva

Segundo Recuero (2009, p. 24), “uma rede [social], assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Sob essa ótica, podemos salientar que uma rede social “... é um tipo de estrutura social que conecta pessoas, instituições ou grupos, tendo, a nosso ver, a linguagem como o principal mecanismo para essa conexão” (Bezerra; Pimentel, 2016, p. 734). Em outras palavras, os *sites* de redes sociais se configuram como suporte para as interações (Recuero, 2009) e como artefato tecnológico (Bezerra; Pimentel, 2016), dado serem os/as atores/atrizes sociais que constituem essas redes (Recuero, 2009; Bezerra; Pimentel, 2016). Tais sujeitos partilham não só informações, mas também bens, suporte emocional e companheirismo (Wellman *et al.*, 2002).

Assumimos que o conceito de redes sociais – por dar visibilidade às (inter)ações dos sujeitos (e não ao meio/suporte/artefato) – se relaciona intimamente com a noção de face, que, consoante Goffman (1967, p. 5 – tradução nossa), diz respeito ao “valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma através daquilo que os/as outros/as presumem ser a linha tomada por ela durante um contato específico”. Em *sites* de redes sociais, como o *Twitter*, os/as internautas preservam ou atacam as faces (a própria e a dos/as interlocutores/as), conforme os propósitos comunicativos, a fim de gerar harmonia/desarmonia conversacional. O equilíbrio da ordem ritual estaria na preservação da face alheia, por meio de estratégias protetivas; ao passo que o desequilíbrio ritual, que pode ser almejado em dada interação, estaria na ameaça à face do/a outro/a (Goffman, 1967).

Considerando que o conceito de redes sociais abarca um caráter agentivo (sujeitos atuam discursivamente), que os sujeitos decidem preservar/ameaçar as faces (próprias e alheias) e que a interação mediada on-line tem atributos particulares, ressaltamos que os/as internautas podem mobilizar estratégias de (im)polidez, preservando ou ameaçando as faces próprias e alheias; realizar avaliações (inter)subjetivas em sintonia com as projeções identitárias e ideológicas dos

sujeitos; e construir, nas interações mediadas on-line, sentidos polidos, impolidos, violentos *etc.* Por essa razão, trataremos dos estudos de (im)polidez inscritos em domínios micro/linguístico (primeira onda), macro/discursivo (segunda onda) e meso/sociointeracional (terceira onda).

Ao se centralizarem nas estratégias de (im)polidez, os estudos de primeira onda se inscrevem em perspectiva universalista/pancultural, propõem modelos ancorados em domínios frásticos e produzem análises no plano ético (o/a pesquisador/a como único/a analista). Tais estudos se baseiam, direta ou indiretamente, na noção de face, a partir da propositura de Brown e Levinson (1987) de que a face positiva e a face negativa abarcam, respectivamente, as necessidades sociais de valorização e de preservação territorial. Lakoff (1973) propõe três regras de polidez: não seja impositivo/a, ofereça opções e faça com que o/a outro/a se sinta bem. Leech (1983) sugere seis máximas em relação ao/à outro/a: tato e generosidade (minimizar custos e maximizar benefícios); aprovação e modéstia (minimizar desaprovação e maximizar aprovação); e acordo e simpatia (minimizar desacordo/antipatia e maximizar acordo/simpatia).

Em direta referência à noção de faces, Brown e Levinson (1987) descrevem cinco macroestratégias – ameaça direta à face sem reparo⁴; ameaça direta à face com reparo por meio de superestratégia de polidez positiva; ameaça direta à face com reparo por meio de superestratégia de polidez negativa; ameaça indireta à face e ausência de ameaça à face –, as quais, mais tarde, seriam redimensionadas por Culpeper (1996) no debate relativo à impolidez: ameaça direta à face sem reparo; ameaça direta à face sem reparo por meio de superestratégia de impolidez positiva; ameaça direta à face sem reparo por meio de superestratégia de impolidez negativa; ameaça indireta à face (insinceridade, brincadeira, sarcasmo, ironia) e ausência de polidez. Destacamos que, nos estudos de primeira onda, a impolidez é meramente o oposto da polidez (ausência de polidez).

Visando à desarmonia social, por meio de ataques às faces positiva e negativa, o/a interagente pode dirigir determinadas ações ao/à interlocutor/a. Segundo Culpeper (1996), é possível ignorá-lo/a ou esnobá-lo/a, excluí-lo/a, dissociar-se dele/a, demonstrar desinteresse, despreocupação ou antipatia, usar marcadores identitários inapropriados, utilizar linguagem obscura/secreta, instigar o desacordo, fazê-lo/a se sentir desconfortável, usar termos tabus e chamá-lo/a por nomes depreciativos, como superestratégias de impolidez positiva; assim como assustá-lo/a, desprezá-lo/a, ridicularizá-lo/a, desdenhar dele/a, tratá-lo/a com indiferença, invadir o espaço (físico ou metafórico), associá-lo/a a aspectos negativos e frisar o débito dele/a, como superestratégias de impolidez negativa. Nas interações mediadas on-line, poderíamos

⁴ Convém destacar que, nesta macroestratégia, não há ação impolida, visto não demandar estratégia reparadora em função do contexto. Um pedido de socorro, por exemplo, dispensaria o uso de estratégias de polidez.

projetar as estratégias de: deixar de curtir dada postagem; responder a comentários com ofensas; escolher o botão de curtir (em vez de amei, por exemplo); utilizar *emojis* para identificar ações, como: ser indiferente (braços para o lado, *dando de ombros*), ridicularizar (risadas) e evitar o contato visual (desvio do olhar); gritar (*caps lock* ativado); usar memes pejorativos *etc.*

Transcendendo a abordagem griceana (estudos de primeira onda) e inscrevendo-se na abordagem discursiva (pós-moderna), os estudos de segunda onda focalizam as avaliações subjetivas (princípio êmico: a ótica dos/as colaboradores/as); as práticas socioculturais; e, com destaque, as lutas discursivas, as quais são travadas por sujeitos ideologicamente afetados e, conforme Haugh e Culpeper (2018), se tornam mais fulcrais que a avaliação da (in)adequação social. Com essa proposta, reitera-se um conjunto de críticas dirigidas às pesquisas de primeira onda: (i) a (im)polidez não se situa no nível do enunciado⁵, já que as estruturas linguísticas não carregam significados (im)polidos intrínsecos (Blitvich, 2021), acionam exemplos fora de contexto (Grainger, 2011) e desvelam uma perspectiva universalista/pancultural (Eelen, 2001); (ii) as análises não podem desconsiderar os princípios êmicos – isto é, a concepção do/a leigo/a (Eelen, 2001; Watts, 2009; Grainger, 2011; Culpeper; Hardaker, 2017) –, tampouco atribuir um papel proeminente ao/a analista (Blitvich, 2021); (iii) a interação humana não é estática e cognitiva (Grainger, 2011); e (iv) a noção de contexto precisa ser mais abrangente (Eelen, 2001), dado ser simplificada a um conjunto de variáveis sociais que não abarcam a complexidade dos eventos interativos (Culpeper, 2011).

No que concerne às avaliações subjetivas, o estudo de Recuero (2008) constata que os/as internautas, ao publicarem determinado conteúdo, podem veicular os valores de visibilidade (in/visibilidade na rede); reputação (percepção dos/as outros/as); autoridade (pressuposição de que o/a usuário/a tem conhecimento e/ou poder superior aos/às demais); popularidade (número de conexões com os/as usuários/as); interação (trocas ocorridas no *Twitter*) e suporte social (apoio recebido, muitas vezes por meio de comentários de outros/as usuários/as). Ao criar laços sociais⁶, os/as interagentes mantêm relações específicas com os/as outros/as, “... tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. [...] Os padrões dessas relações – a estrutura da rede social – organizam os sistemas de troca, controle, dependência, cooperação e conflito” (Wellman *et al.*, 2002, p. 224 – tradução nossa). Silva e Alencar (2013, p. 139) consideram que “... a violência na linguagem, por meio de uma

⁵ Fraser e Nolen (1981) já reconheciam não haver estratégias inerentemente (im)polidas.

⁶ Recuero (2009) destaca que as redes sociais têm dois elementos: atores/atrizes sociais (pessoas envolvidas) e conexões (interação, relação e laços sociais).

pragmática e uma metapragmática⁷ específicas, rompe ou reconfigura esse laço”. A depender da avaliação que fazemos de nossos/as interlocutores/as (especialmente nos quesitos reputação, autoridade e popularidade) e dos laços sociais que estabelecemos com eles/as, podemos utilizar estratégias de (im)polidez, cujos sentidos são construídos a partir não somente do posto/dito (a estratégia em si), mas também do pressuposto/não dito (o contexto sociocognitivo acionado e (re)construído por cada interagente).

No que tange às práticas socioculturais, o *Twitter* serve para que os/as internautas possam, com a velocidade, a capilaridade e a amplitude da *web* (Martins, 2014), manter ativistas informados/as, organizar mobilizações, convocar militantes, agregar informações, criar campanhas, gerar solidariedade e disputar poder com os/as outros/as (Shirky, 2008; Recuero, 2009; Martins, 2014; Malini; Antoun, 2013); ou até mesmo buscar informações e defender um sistema ou uma religião (Donath, 1999). Essas práticas são bastante recorrentes – haja vista que “... a atuação social, a mobilização e o engajamento viraram um valor da rede” (Malini; Antoun, 2013, p. 152) – e podem fazer emergir tanto o apelo para a empatia quanto a emergência de lutas discursivas, em que predominam (re)ações que tendem a moldar um cenário de violência linguístico-discursiva. Tal cenário pode ser construído pela propagação de *fake news*, que, não raramente disfarçadas de mal-entendido, alimentam nas redes sociais discursos intolerantes, falaciosos e anticientíficos.

Avançando para a abordagem sociointeracional, os estudos de terceira onda surgem, especialmente, das críticas dirigidas aos estudos de segunda onda, que, em linhas gerais, giram em torno (i) dos perigos de atribuímos relevo exclusivamente à voz do/a participante, sem considerar o ponto de vista do/a observador/a; (ii) da ausência de interação do/a leigo/a e do/a pesquisador/a (Haugh; Culpeper, 2018); (iii) do total abandono à análise das estratégias linguísticas, em detrimento do maior foco à análise do contexto e às avaliações subjetivas (Haugh, 2007b; Grainger, 2011; Blitvich; Sifianou, 2019); e (iv) da adoção de um modelo de comunicação centrado em (de)codificar (Arundale, 2006; Haugh, 2007b).

Ao eleger o texto empírico, pertencente a dado gênero discursivo, como a unidade de análise, essa abordagem situa que a (im)polidez se estabelece no âmbito da interação (Haugh; Culpeper, 2018), o que, além de englobar os enunciados e as avaliações, abarca o contexto em que os sujeitos se inscrevem, que é sempre singular e subjetivo. Para essa abordagem, consideramos (i) uma noção de face relacional e interacional – e não individual (Arundale, 2006); (ii) a negociação de implicaturas de (im)polidez com base nas experiências interacionais

⁷ Discutiremos o conceito de metapragmáticas ainda nesta seção.

(Haugh, 2007a); (iii) um conjunto teórico que integra enunciado, discurso e troca interacional (Bousfield, 2008), ou ainda, integra instâncias linguísticas (griceanas) e discursivas (pós-modernas) para uma análise holística da interação (Grainger, 2011); e (iv) uma abordagem que não se instancia nem no uso linguístico, nem na norma social, mas nas práticas sociais (Kádár; Haugh, 2013).

Sob a perspectiva dos estudos de terceira onda, elegemos, como unidade de análise, a postagem no *Twitter*, cujo objetivo seria, em tese, acionar interações harmônicas que objetivassem compartilhar ideias e pontos de vista. Embora se preveja que o *Twitter* possa funcionar como espaço colaborativo (Santaella; Lemos, 2010) e, assim, favorecer “... um esforço na negociação de conflitos e no estabelecimento de algum nível de harmonia em suas conversações digitais” (Hilgert; Andrade, 2020, p. 669-670), o conflito não é incomum. A título de exemplo, o anonimato – que, paradoxalmente, pode significar tanto a preservação da liberdade pessoal quanto o convite à anarquia (Donath, 1999) – favorece maior distanciamento (Recuero, 2009) e maior tendência à construção de cenários de violência linguístico-discursiva. É possível que, de tais cenários, emergam metapragmáticas intolerantes, falaciosas e anticientíficas na construção de *fake news*.

Essa violência é indexicalizada na interação, já que toda comunicação linguística tem caráter inerentemente indexical (Silverstein, 1979, 1993). Ao incluir uma gama de relações funcionais pertencentes a um eixo pragmático-metapragmático, Silverstein (1993) situa três dimensões: gramatical (estrutura linguística sistemática que fundamenta expressões metapragmáticas no nível da explicitude); pragmática (semioses pragmáticas que, no co(n)texto⁸, se instanciam no nível da implícitude); e metapragmática (calibragem pragmática). Silva e Alencar (2013, p. 141) sintetizam que “a pragmática, o modo como os signos são usados no mundo, anda lado a lado com a metapragmática, o modo como os signos representam esse estar-no-mundo”. As metapragmáticas relacionam enquadres microssociais e macrossociais na análise de dados sociolinguísticos (Silverstein, 2003), o que significa que elas indicam os contextos por meio dos signos (Cunha, 2021).

Além de indexicalizar, calibrar os usos da língua(gem) e dar sentido aos contextos, as metapragmáticas descrevem, avaliam, condicionam, orientam e regulamentam os usos da língua(gem) (Signorini, 2008), por meio de processos socioculturais de ordem linguístico-discursiva e político-ideológica (Signorini, 2008; Blommaert, 2014); regimentam os signos como objetos indiciais (Silva; Alencar, 2013); sinalizam um tipo de reflexividade (Fabrício,

⁸ Sob forte inspiração de Silverstein (1993), Signorini (2008) é quem explicita, no nível pragmático, essa dimensão co(n)textual. Concordamos integralmente com a leitura da autora (2008).

2014); apontam para o modo como os sujeitos se situam em sociedade (Gonzalez; Moita Lopes, 2018); orientam a interpretação, permitem referenciar e predicar a própria linguagem; e transformam estruturas linguísticas com a finalidade de controlar a interpretação do dito (Pinto, 2018, 2019). Assumimos que “sem uma função metapragmática simultaneamente em jogo com quaisquer funções pragmáticas que possam existir na interação discursiva, não há possibilidade de coerência interacional...” (Silverstein, 1993, p. 36-37 – tradução nossa).

Funcionando como um “‘termômetro’ social e político” (Santaella; Lemos, 2010, p. 66), o *Twitter* é, por vezes, palco para interações mediadas on-line de teor bélico, oferecendo a essas interações riscos ao equilíbrio ritual (Goffman, 1967), na medida em que os/as interagentes utilizam estratégias de impolidez que fazem emergir metapragmáticas intolerantes, falaciosas e anticientíficas. Ser violento/a – na língua, no discurso e na interação – significa, em algum nível, regimentar metapragmáticas de violência linguístico-discursiva, mesmo quando o senso de comunidade, segundo Donath (1999), deva ser o de convocar um terreno comum (inclusive no dissenso) e o de ser simpático/a às ideias do grupo.

Disputas interacionais no *Twitter*: um olhar (n)etnográfico e qualitativo em (per)curso

Uma episteme exclusivamente qualitativa nos oportuniza conduzir uma pesquisa “... caracteristicamente exploratória, fluida e flexível, orientada para os dados e sensível ao contexto” (Mason, 2002, p. 24), que permite “... o tratamento da subjetividade e da singularidade dos fenômenos sociais” (Goldenberg, 2001, p. 50). A inscrição nesse enquadre metodológico nos possibilita investir nos atributos da pesquisa qualitativa, entre os quais destacamos: a desvinculação de referenciais positivísticos (Chizzotti, 2003); a busca pela intensidade do fenômeno em dimensão sociocultural (Minayo, 2017) – em nosso caso, a interação no *Twitter*; e a construção de sentidos pautada em lentes teóricas relativamente estáveis, em decorrência da subjetividade e da interpretabilidade inerentes a esse paradigma.

Sob o guarda-chuva dessa abordagem, elegemos a (N)etnografia. Por ser um método interpretativo e investigativo dos comportamentos socioculturais de comunidades on-line (Kozinets, 1997), ela funciona “... como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural...” (Kozinets, 2014, p. 62). A partir dessa escolha, valemo-nos das cinco etapas propostas por Kozinets (2014): definir as questões de pesquisa, os *websites* sociais ou os tópicos de investigação; identificar e selecionar a comunidade; realizar a observação participante da comunidade e gerar os dados⁹; analisar os

⁹ Originalmente, Kozinets (2014) faz menção ao ato de *coletar dados*. Entretanto, optamos pela expressão *gerar dados*, por desejarmos focalizar o caráter processual e colaborativo da construção de sentidos em campo.

dados e proceder à interpretação iterativa dos resultados; e redigir, apresentar e relatar tanto os resultados de pesquisa quanto as implicações teóricas e/ou práticas.

Por fim, apresentamos os nossos procedimentos de pesquisa, que foram guiados pelos critérios de Kozinets (2014): (i) definir, a partir do objetivo de pesquisa, os critérios de inclusão e de exclusão; (ii) escolher a plataforma *Twitter* e o tópico a investigar (a violência linguístico-discursiva estabelecida pelos/as interagentes no *Twitter*); (iii) selecionar o influenciador digital (Atila Iamarino), pela quantidade de postagens polêmicas do ID no *Twitter* com abrangência temporal entre 2020-2021; (iv) observar a página do ID e selecionar uma postagem relacionada à temática *pandemia* com maior repercussão (maior quantidade de comentários) e, ao mesmo tempo, maior densidade de ofensas; (v) eleger as interações que, em resposta ao *tweet* do ID, foram permeadas por estratégias de impolidez e geraram violência linguístico-discursiva; (vi) ocultar os *nicknames* e as imagens relacionadas aos/às internautas; (vii) gerar um *Portable Document Format* (PDF) com o *tweet* e com as interações; e (viii) analisar, interpretar e relatar os resultados à luz do conjunto teórico e das orientações metodológicas adotados neste estudo.

Disputas interacionais no *Twitter*: a violência entre o ID e os/as seguidores/as

Em um primeiro momento, analisaremos a postagem do influenciador digital Atila Iamarino publicada em novembro de 2020, que obteve ampla repercussão entre os/as seguidores/as: 4.939 retuítes, 649 comentários e 42,2 mil curtidas. Após esse processo, faremos a análise de 5 comentários (interagentes @A, @B, @C, @D e @E). Cabe ressaltar, antes de procedermos à análise, que Atila Iamarino é “... biólogo, doutor em microbiologia e pesquisador brasileiro, notório por seu trabalho de divulgação científica no canal do YouTube denominado Nerdologia, que possui mais de 3,28 milhões de inscritos em 2022” (ATILA IAMARINO, 2023, s/p).

Primeira interlocução - Postagem: ID

@ID: Tratamento precoce pra COVID-19 são máscaras e distanciamento social. Ótimo pra não pegar o vírus e ter uma doença mais leve se pegar.
O melhor vermífugo no tratamento contra COVID até aqui parece ser o voto.

Fonte: Twitter (2020).

No primeiro momento, o ID defendeu, com base em recomendações científicas, *o uso de máscaras e o distanciamento social*, o que era condizente com o seu lugar de fala e com o propósito da comunicação, visto que, como cientista e pesquisador, ele se propõe a divulgar estudos relacionados à covid-19 para o público. Entretanto, a ironia, como estratégia de

impolidez, pareceu emergir em *ótimo pra não pegar o vírus*, em decorrência de uma prática negacionista constante no governo do ex-presidente da República (Jair Messias Bolsonaro) de que a covid-19 era uma *gripezinha* que poderia ser combatida com tratamento precoce, o que não justificaria a adoção de medidas protetivas (máscaras e distanciamento). O ID assumiu que *ótimo* não seria usar uma medicação invalidada pela ciência, mas adotar as medidas protetivas, dirigindo metapragmáticas desvalorizadoras e deslegitimadoras ao governo de Jair Bolsonaro e, indiretamente, a pessoas que aderiam a esse posicionamento político-ideológico negacionista.

No segundo momento, o ID afirmou que *o melhor vermífugo no tratamento contra COVID-19 parece ser o voto*. Em notória oposição ao governo de Jair Bolsonaro, ele manifestou não apenas desacordo/desaprovação (Leech, 1983) quanto às práticas sociais de tratamento precoce, mas também veiculou estratégias de impolidez negativa que congregaram desprezo e ridicularização (Culpeper, 1996), infringindo a regra de polidez de fazer com que o/a outro/a se sintam bem (Lakoff, 1973). O impacto do uso de tais estratégias foi, sem dúvida, potencializado, em decorrência dos próprios atributos da interação mediada on-line, conforme já expusemos; bem como da visibilidade, da autoridade e da popularidade (Recuero, 2008) do ID – ele é seguido por inúmeros/as internautas (entre apoiadores/as e *haters*), tem formação acadêmico-profissional compatível com o conteúdo postado e é popular (mesmo que odiado) no meio.

Ao agregar informações, criar campanha e manifestar posicionamento científico, o ID acabou por construir um terreno de disputa de poder, dada a bipolarização político-ideológica evidente nas interações no Brasil (e no mundo). Com esse cenário, é provável que haja, nas interações subsequentes, ameaça ao equilíbrio ritual (Goffman, 1967), já que o ID instaurou um cenário propício à emergência de lutas discursivas (Haugh; Culpeper, 2018) no que tange à propagação e ao combate de *fake news*, com vistas a desconstruir metapragmáticas intolerantes, falaciosas e anticientíficas que regimentavam um discurso contrário às medidas preventivas e favorável ao tratamento precoce. A defesa, então, era a da própria face, como ID, e a da face da ciência, como instituição; enquanto o ataque era o da face de Jair Bolsonaro e de seus/as apoiadores/as.

No que diz respeito ao uso de *vermífugo*, frisamos a notória ambivalência de sentidos do termo, em alusão tanto aos antiparasitários em si (ivermectina e nitazoxanida), como substâncias defendidas pelo governo de Jair Bolsonaro para o tratamento precoce de covid-19; quanto ao próprio ex-presidente (verme) e ao voto (contaminado pelo parasita). Portanto, o termo revela o posicionamento científico e ideológico do ID, que, ao ter associado *vermífugo* a voto, dirigiu críticas ao tratamento precoce e à gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro. O comentário seguinte (de @A) foi uma reação imediata ao *post* do ID.

Segunda interlocução - Comentário: Interagente @A

@A: O melhor vermífugo até aqui é ignorar os palpites de blogueiros que divulgaram faknews de 1,8 milhões de mortes até agosto passado.

Fonte: Twitter (2020).

Nesse comentário, @A utilizou parte do texto do ID – *o melhor vermífugo* – para contestar a afirmação feita na postagem inicial, como forma de deixar claro a que argumento @A não aderiria e, na sequência, pretendia combater, uma vez que traria outra definição para *melhor vermífugo*. Assim, @A deu início a um desequilíbrio da ordem ritual (Goffman, 1967) e a uma luta discursiva (Haugh; Culpeper, 2018) permeada por *flaming* (Kayany, 1998), dado o teor político-ideológico da postagem do ID e do comentário de @A. Esse teor se acentuou, já que o estatuto interacional no *Twitter* – de muitos/as para muitos/as (Thompson, 2018) – vulnerabilizava (ainda mais) as faces dos sujeitos inscritos na interação em curso.

Como as estratégias de (im)polidez não devem ser analisadas apenas em nível frástico, tampouco em perspectiva universalista/pancultural, assumimos que a impolidez se adensou pela troca interacional (Bousfield, 2008) que reverberava no texto empírico. O comentário de @A, em resposta ao *post* do ID, buscou não só maximizar o desacordo, a desaprovação e os custos (Leech, 1983), mas, especialmente, deslegitimar o posicionamento do ID, a fim de que ele não se sentisse bem (Lakoff, 1973). Essa reação foi provavelmente decorrente do tom irônico e, em certa medida, do caráter ameaçador da postagem inicial (do ID) a toda e qualquer ideologia anticientífica e falaciosa.

Ao utilizar *palpites de blogueiros*, notamos não só a desqualificação do/a outro/a (Cabral, 2019), mas também a enunciação de estratégias de impolidez positiva e negativa, com vistas a desprezar o/a outro/a e usar marcadores identitários inapropriados (Culpeper, 1996), dado que *palpite* traz pistas de que o posicionamento do ID seria desprovido de embasamento científico; e *blogueiros* envolve um uso pejorativo que destituía o ID de seu lugar de fala (cientista e pesquisador), com notório ataque à reputação e à autoridade (Recuero, 2008) de Atila Iamarino. Na sequência, a afirmação de que os blogueiros (incluindo o ID) *divulgaram faknews de 1,8 milhões de mortes até agosto passado* trouxe tom acusatório, frisando o débito do ID, como estratégia de impolidez negativa (Culpeper, 1996). Assim, avaliamos que o comentário de @A regimentou metapragmáticas desvalorizadoras, deslegitimadoras, silenciadoras e acusatórias, decorrentes do desalinhamento político-ideológico dos/as interagentes, na construção de um cenário de violência linguístico-discursiva.

Terceira interlocução - Comentário: Interagente @B

@B: Nossa...futuro ministro da saúde.
Só não pode deixar de ser o vidente de plantão [1 *emoji* de bola de cristal e 1 *emoji* de mago]
Tamarindo faz o Twitter se engraçado.
[Imagem do ID vestindo uma roupa de mago, com uma bola de cristal entre as mãos]

Fonte: Twitter (2020).

O comentário de @B foi também uma resposta ao *post* do ID. Adensando a luta discursiva (Haugh; Culpeper, 2018) e o desequilíbrio ritual (Goffman, 1967) por meio de *flaming* (Kayany, 1998), @B não só maximizou o desacordo e a desaprovação (Leech, 1983) como também desqualificou o ID (Cabral, 2019), desvelando – na troca interacional (Bousfield, 2008) com o ID, que pode ter sido influenciada pelo comentário de @A – a implicatura de impolidez (Haugh, 2007a) de que Atila Iamarino seria ilegítimo para afirmar o que veiculou em seu *post*. A face do influenciador digital foi, mais uma vez, vulnerabilizada, por ser uma interação de muitos/as para muitos/as (Thompson, 2018).

Ao ter sido associado a *futuro ministro da saúde* e a *vidente de plantão*, consideramos que, além da ironia presente, a primeira expressão contestava a legitimidade do ID para discutir medidas protetivas de combate à covid-19; enquanto a segunda se valia de um estereótipo relacionado às pessoas que se denominam videntes, a fim de construir a ideia de que o ID estaria tentando adivinhar os desdobramentos futuros do vírus (e não que ele teria conhecimentos para discutir o assunto), sobretudo por ter feito, em postagem anterior, uma projeção do número de mortes no início da pandemia, trazendo a ele, inclusive, a alcunha de *profeta do caos*.

As duas expressões, o termo *Tamarindo*, a afirmação de que o ID fazia o *Twitter* ser engraçado e a imagem postada revelam que @B acionou estratégias de impolidez positiva e negativa (Culpeper, 1996), ao ter ridicularizado e desdenhado do ID por meio de marcadores identitários indevidos (*vidente de plantão*, *futuro ministro da saúde* e uma espécie de palhaço) e de nome depreciativo (*Tamarindo*), visando atacar a reputação e a autoridade (Recuero, 2008) do ID. O comentário de @B, como um todo, regimentou, novamente, metapragmáticas desvalorizadoras, deslegitimadoras e silenciadoras. A seguir, mostraremos dois comentários que, quase instantaneamente, foram postados: comentários de @C e de @D.

Quarta interlocução - Comentários: Interagente @C e @D

@C: Não entendi a parte de “ter uma doença mais leve se pegar”.
O vírus fica cansado em atravessar a máscara e pega mais leve no cidadão?

@D: [Três *emojis* de risada] esse Atila e o responsável por propagar o medo e o caos no Brasil.

Fonte: Twitter (2020).

Em sequência à luta discursiva (Haugh; Culpeper, 2018) e ao desequilíbrio ritual (Goffman, 1967) por meio de *flaming* (Kayany, 1998) instaurados na interação em curso, salientamos que @C intensificou a desqualificação do ID (Cabral, 2019) e a ironia; já @D intensificou a acusação e ratificou, nessa troca interacional (Bousfield, 2008), a ironia veiculada por @C, a partir do *emoji* utilizado. Ambos os comentários, além de igualmente terem intensificado o desacordo, a desaprovação e os custos (Leech, 1983), adensaram a vulnerabilidade à face do ID, considerando o estatuto interacional assumido – interação de muitos/as para muitos/as (Thompson, 2018).

No primeiro enunciado, @C veiculou, por meio da expressão *não entendi a parte*, um falso mal-entendido, que, associado à ironia, costuma ser sinalizado indiretamente por pistas contextuais (Perrin, 2003). Sobre o co(n)texto, podemos perceber que o segundo enunciado e o posicionamento político-ideológico de @C corroboraram com essa análise. Reforçando esse caráter irônico – gerado pelo falso mal-entendido –, @C empregou aspas em “*ter uma doença mais leve se pegar*”, em que resgatou uma suposta declaração do ID, mas, ao mesmo tempo, realçou “... ironicamente uma palavra ou uma expressão” (Cunha; Cintra, 2001, p. 663). Ao ter apresentado uma solução ilógica e, claramente, equivocada para a própria pergunta, avaliamos que @C almejou questionar a ideia de existir forma leve da doença; ridicularizar; e, a partir disso, instituir a implicatura de impolidez (Haugh, 2007a) de que Atila Iamarino não seria conhecedor do assunto, não merecendo, portanto, qualquer crédito nesse debate.

No comentário 2, @C intensificou a ironia, em *o vírus fica cansado em atravessar a máscara e pega mais leve no cidadão?*, ao deslegitimar, mais uma vez, o ID para um assunto sobre o qual teria conhecimento, confirmando o tom irônico do primeiro enunciado, seja pelo falso mal-entendido, seja pelo uso das aspas. Além das risadas – que, conforme mencionamos, sinalizavam acordo com @C, o que significa ter havido entre @C e @D certo alinhamento político-ideológico –, @D afirmou que o ID era *o responsável por propagar o medo e o caos no Brasil*. A partir dessa ação, a culpa foi anunciada pelo termo *responsável*, reiterando a fama propagada pelos/as *haters* de que Atila seria o *profeta do caos*. Ao terem ridicularizado e frisado o débito do ID – estratégias de impolidez positiva e negativa (Culpeper, 1996) –, @C e @D instituíram metapragmáticas desvalorizadoras, deslegitimadoras, silenciadoras e acusatórias.

Quinta interlocução - Comentário: Interagente @E

@E: Melhor vermífugo é ficar longe de um parasita como Átila Tamarindo.

Fonte: Twitter (2020).

Por fim, o comentário de @E mostra uma espécie de *acumulado*, na medida em que ratificou a luta discursiva (Haugh; Culpeper, 2018) e o desequilíbrio ritual (Goffman, 1967) por meio de *flaming* (Kayany, 1998) nas trocas interacionais (Bousfield, 2008). Além de ter desqualificado o/a outro/a (Cabral, 2019), de não tê-lo/a feito se sentir bem (Lakoff, 1973) e de ter manifestado, mesmo que indiretamente, desacordo/desaprovação (Leech, 1983), @E resgatou, de algum modo, o *post* do ID e o comentário de @A, ao ter utilizado a expressão *melhor vermífugo*, como se estivesse, por coesão, não só respondendo ID e @A, mas, principalmente, se desalinhando de Atila e se alinhando com @A. Na sequência, @E fez a associação vermífugo/parasita e replicou, do comentário de @B, o termo *Tamarindo*.

O comentário de @E reiterou o uso de nome depreciativo (*Tamarindo*), como estratégia de impolidez positiva, e a ridicularização (*parasita*), como estratégia de impolidez negativa (Culpeper, 1996), em notória reação às postagens anteriores – tanto do ID quanto de @A e de @B –, ratificando metapragmáticas desvalorizadoras, deslegitimadoras e silenciadoras. Temos, portanto, pistas de que a (im)polidez não se instancia no enunciado, tampouco nas avaliações subjetivas, mas na interação em curso, de modo que possamos enxergar a gradativa potencialização da violência linguístico-discursiva em toda a interação, com vistas a atacar a face (Goffman, 1967), a reputação e a autoridade (Recuero, 2008) do ID.

Na interação como um todo, os/as atores/atrizes sociais mobilizaram as estratégias de (im)polidez de fazer com que o/a outro/a não se sinta bem (Lakoff, 1973); de manifestar desacordo/desaprovação e, por vezes, gerar custos (Leech, 1983); e de atacar as faces positiva e negativa (Brown; Levinson, 1987) com desprezo, ridicularização, uso de marcadores identitários inapropriados, uso de nome depreciativo e destaque ao débito do/a interagente (Culpeper, 1996), ameaçando, por conseguinte, o equilíbrio ritual (Goffman, 1967).

Avaliamos que as lutas discursivas (Haugh; Culpeper, 2018) desencadearam um cenário de violência linguístico-discursiva decorrente do desalinhamento político-ideológico de @A, @B, @C, @D e @E com o ID, cujo *flaming* (Kayany, 1998) se deu, especialmente, por ser uma interação de muitos/as para muitos/as (Thompson, 2018). Além disso, a troca interacional (Bousfield, 2008) foi pautada por implicaturas de impolidez (Haugh, 2007a) que atacaram a face (Goffman, 1967), a reputação e a autoridade (Recuero, 2008) do ID; bem como regimentaram metapragmáticas desvalorizadoras, deslegitimadoras, silenciadoras, acusatórias, intolerantes, falaciosas e anticientíficas.

Considerações Finais

No âmbito teórico, frisamos que a (im)polidez é coconstruída nas instâncias da interação, ao considerarmos que os enunciados são **potencialmente** (im)polidos, e que os/as usuários/as da língua(gem) avaliam o co(n)texto da enunciação – o que inclui as projeções identitárias e ideológicas dos/as interagentes – e regimentam metapragmáticas distintas, em (des)alinhamento com o equilíbrio da ordem ritual. É nas práticas socioculturais que fazemos uma calibragem pragmática entre a polidez, a impolidez e a violência linguístico-discursiva, tendo em vista que as interações no *Twitter* são propensas ao dissenso. No âmbito metodológico, avaliamos que pesquisar em enquadre (n)etnográfico oportuniza trilhar um caminho favorável à interpretação das práticas socioculturais instanciadas em comunidades virtuais e, de algum modo, propor alternativas para eventuais problemas.

No âmbito analítico, constatamos que o cenário de violência linguístico-discursiva se instaurou por meio de estratégias de impolidez (positiva e negativa). Tais estratégias geraram implicaturas de impolidez que, co(n)textualmente, sinalizavam desvalorização, deslegitimação e culpabilização do ID; intensificavam *flaming*; e regimentavam metapragmáticas intolerantes, falaciosas e anticientíficas. Entre as razões que justificariam esse cenário, destacamos o estatuto interacional do *Twitter*; os posicionamentos político-ideológicos dos/as atores/atrizes sociais; e o negacionismo ainda enraizado em nossas práticas socioculturais. Registramos, ainda, que a ironia, presente em toda a interlocução, colaborou com o gradativo adensamento da violência e com a emergência de lutas (meta)discursivas.

Estudar a violência linguístico-discursiva em interações mediadas on-line não significa proceder a um rígido mapeamento de estratégias de (im)polidez, tampouco à avaliação das (in)adequações interlocutivas, visto que, mesmo sem o conhecimento teórico sobre o assunto, somos todos/as capazes de diagnosticar o que é (im)polido. O desafio consiste em dar visibilidade às lutas (meta)discursivas travadas pelos/as internautas e aos impactos de tais lutas na vida dessas pessoas, o que transcende as interlocuções on-line. Combater *fake news* significa evitar a propagação de metapragmáticas intolerantes, falaciosas e anticientíficas. Combater *fake news* significa, portanto, minimizar todas as nuances de violências e lutar pela vida.

Referências

ALBUQUERQUE, R.; SOUSA, A. L. N. “Gente, temos um gênio aqui”: a coconstrução da violência linguístico-discursiva em uma interação no Twitter. **Letras Raras**, v. 11, n. 3, p. 377-404, 2022.

AMOSSY, R. La coexistence dans le dissensus. **Semen**, v. 31, p. 25-42, 2011. Disponível em: <http://semen.revues.org/9051>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ARUNDALE, R. B. Face as relational and interactional: A communication framework for research on face, facework and politeness. **Journal of Politeness Research**, v. 2, n. 2, p. 193-216, 2006.

ATILA IAMARINO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. 2023. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Atila_Iamarino. Acesso em: 29 jun. 2023.

BALOCCO, A. E. O flaming (ou violência verbal em mídia digital) e suas funções na esfera pública. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 16, n. 3, p. 503-521, 2016.

BEZERRA, B. G.; PIMENTEL, R. L. Normativismo linguístico em redes sociais digitais: uma análise da Fanpage Língua Portuguesa no Facebook. **Trab. Ling. Aplic.**, v. 55, n. 3, p. 731-755, 2016.

BLITVICH, P. G.-C. Impoliteness and conflict in Spanish. In: KOIKE, D.; FELIX-BRASDEFER, C. (Eds.). **The Routledge handbook of Spanish Pragmatics**. New York: Routledge, 2021. p. 371-386.

BLITVICH, P. G.-C.; SIFIANOU, M. Im/politeness and discursive pragmatics. **Journal of Pragmatics**, v. 145, p. 91-101, 2019.

BLOMMAERT, J. Ideologias linguísticas e poder. In: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Orgs.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 67-77.

BOUSFIELD, D. **Impoliteness in Interaction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CABRAL, A. L. T. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no Facebook. **Calidoscópico**, v. 17, n. 3, p. 416-432, 2019.

CABI, J. **Internet, Big Data e discurso de ódio: reflexões sobre as dinâmicas de interação no Twitter e os novos ambientes de debate político**. 2017. 206f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, v. 25, p. 349-67, 1996.

CULPEPER, J. Politeness and impoliteness. In: AJIMER, K.; ANDERSEN, G. (Eds.). **Pragmatics of Society**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 393-438.

CULPEPER, J.; HARDAKER, C. Impoliteness. *In*: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. (Eds.). **The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness**. UK: Palgrave, 2017. p. 199-225.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, G. M. Recepção do conceito de indexicalidade em estudos linguísticos brasileiros. **Mandinga**, v. 5, n. 2, p. 21-40, 2021.

DONATH, J. S. Identity and Deception in the Virtual Community. *In*: KOLLOCK, P.; SMITH, M. (Eds.). **Communities in Cyberspace**. New York: Routledge, 1999. p. 27-57.

EELLEN, G. **A Critique of Politeness Theories**. Manchester: St. Jerome, 2001.

FABRÍCIO, B. F. Transcontextos educacionais: gêneros, sexualidades e trajetórias de socialização na escola. *In*: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Orgs.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 145-189.

FRASER, B.; NOLEN, W. The association of deference with linguistic form. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 27, p. 93-109, 1981.

GAGLIARDONE, I.; GAL, D.; ALVES, T.; MARTINEZ, G. **Countering online hate speech**. Paris: UNESCO, 2015.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior**. UK: Penguin University Books, 1967.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 5. ed. Record: Rio de Janeiro, 2001.

GONZALEZ, C.; MOITA LOPES, L. P. Reflexividade metapragmática sobre o cinema de Almodóvar numa interação online: indexicalidade, escalas e entextualização. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, n. 2, p. 1102-1136, 2018.

GRAINGER, K. 'First order' and 'second order' politeness: Institutional and intercultural contexts. *In*: LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (Org.). **Discursive approaches to politeness**. Walter de Gruyter: Berlin/Boston, 2011. p. 167-188.

HAUGH, M. The co-constitution of politeness implicature in conversation. **Journal of Pragmatics**, v. 39, n. 1, p. 84-110, 2007a.

HAUGH, M. The discursive challenge to politeness research: An interactional alternative. **Journal of Politeness Research**, v. 3, n. 2, p. 295-317, 2007b.

HAUGH, M.; CULPEPER, J. Integrative pragmatics and (im)politeness theory. *In*: ILIE, C.; NORRICK, N. R. (Eds.). **Pragmatics and its Interfaces**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 213-239.

HILGERT, J. G.; ANDRADE, D. C. L. A negociação dos mal-entendidos em interações no Twitter. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 16, n. 3, p. 657-679, 2020.

KÁDÁR, D. Z.; HAUGH, M. **Understanding Politeness**. UK: Cambridge University Press, 2013.

KAYANY, J. M. Contexts of uninhibited online behavior: Flaming in social newsgroups on Usenet. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 49, n. 12, p. 1135-1141, 1998.

KOZINETS, R. **On netnography**: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. Illinois: Evanston, 1997.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. *In*: CORUM, C. *et al.* (Eds.). **Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**, p. 292-305, 1973.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre, Sulina, 2013.

MARTINS, R. M. G. **Ciberativismo e publicidade**: Processos sociais de tecnologia e mercado. 2014. 146f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Mestrado em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.

MASON, J. **Qualitative Researching**. 2nd ed. London, Thousand Oaks & New Delhi: SAGE, 2002.

MILLS, S. **Gender and Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

PERRIN, L. L'ironie comme forme de vrai faux malentendu énonciatif. *In*: LAFOREST, M. (Dir.). **Le malentendu**: Dire, mésentendre, mésinterpréter. Canadá: Nota Bene, 2003. p. 197-207.

PINTO, J. P. Corpo como contexto-de-ocorrência de metapragmáticas sobre o português em socializações de estudantes migrantes para o Brasil. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 3, p. 751-768, 2018.

PINTO, J. P. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. **Interdisciplinar**, v. 31, p. 221-236, 2019.

RECUERO, R. Information Flows and Social Capital in Weblogs: A Case Study in the Brazilian Blogosphere. *In: ACM Conference on Hypertext and Hypermedia*, 2008, Pittsburg. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/ht08fp009recuerofinal.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

RECUERO, R. **As Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R.; ZAGO, G. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informação no Twitter. **Revista Fronteiras**, v. 12, n. 2, p. 69-81, 2010.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SEARA, I. R. Ligações vertiginosas: violência verbal em ‘comentários’ nas redes sociais. **Calidoscópio**, v. 19, n. 3, p. 385-397, 2021.

SHIRKY, C. **Here comes everybody: the power of organizing without organizations**. Nova York: Penguin Press, 2008.

SIGNORINI, I. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. *In: SIGNORINI, I. (Org.). Situar a língua[gem]*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 117-148.

SILVA, D.; ALENCAR, C. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 129-146, 2013.

SILVERSTEIN, M. Language Structure and Linguistic Ideology. *In: CLYNE, P. R.; HANKS, W. F.; HOFBAUER, C. L. (Orgs.). The Elements: a parasession on linguistic units and levels*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979. p. 193-247.

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. *In: LUCY, J. A. (Org.). Reflexive language. Reported Speech and Metapragmatics*. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 33-57.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, p. 193-229, 2003.

THOMPSON, J. B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**, v. 12, n. 13, p. 17-44, 2018.

WATTS, R. J. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WELLMAN, B.; CHEN, W.; WEIZHEN, D. Networking Guanxi. *In: GOLD, T.; GUTHRIE, D.; WANK, D. (Eds.). Social Connections in China: Institutions, Culture and the Changing Nature of Guanxi*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 221-241.

Sobre os autores

Rodrigo Albuquerque (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5279-4311>)

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília e professor na mesma instituição de ensino.

Rejane Junqueira (Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0000-4759-0341>)

Graduada em Letras-Francês (licenciatura) e graduanda em Letras-Francês (bacharelado) pela Universidade de Brasília.

Recebido em julho de 2023.

Aprovado em agosto de 2023.